

**(aprendendo) Direitos Humanos
com Boletins do Fórum Intersindical**

[Boletim Informativo nº 04, dezembro 2015, Editorial]

**Informação em Saúde do Trabalhador:
para que serve se não for
para mudar a realidade?**

Todos os anos são milhões de acidentes de trabalho. Doenças do trabalho nem sabemos exatamente quantas são. Mortes e incapacidades permanentes são dezenas de milhares. Em 2013, a Pesquisa Nacional de Saúde (PNS), realizada em conjunto com o IBGE, revelou uma realidade aterradora. Se o número de acidentes dos trabalhadores com carteira assinada já era assustador (mais de 700 mil por ano), a PNS revelou que quase 5 milhões de pessoas haviam se acidentado no trabalho, uma ou mais vezes, nos 12 meses anteriores à pesquisa. Isso sem contar os acidentes de trânsito que, como sabemos, são na maioria das vezes acidentes de trabalho. Não existe nenhum problema de saúde no planeta que chegue perto desses números inacreditáveis. No entanto, a preocupação do SUS continua sendo apenas notificar. Muitos dos 210 Cerest (Centros de Referência em Saúde do Trabalhador) brasileiros têm como sua principal atividade a notificação de acidentes. É claro que é importante notificar e aprimorar a informação. Mas só notificar? De que adianta isso? É preciso que se crie um exército de indignados com essa situação e que todos aqueles que têm alguma responsabilidade na saúde pública brasileira vão para a rua para conter esse flagelo. Não adianta mais ficar gerando informações sem que elas possam provocar alguma reação do Estado brasileiro. A Vigilância em Saúde do Trabalhador, hoje, é uma política de Estado estratégica que deve ser rapidamente implementada, aprimorada e executada.

Uma capacitação maciça de técnicos, fiscais e trabalhadores é uma estratégia que deve ser adotada urgentemente, para conter esse quadro dramático. Além disso, são muitas as medidas que devem ser tomadas. Assinalamos algumas: investigar as mortes no trabalho com a criação de comitês de investigação de óbitos em todos os estados brasileiros; rastrear e constituir grupos-tarefa para intervir nos setores produtivos que mais causam acidentes e doenças; estimular os movimentos sociais a pressionarem os parlamentos e os judiciários locais para que tomem posição sobre o problema; exigir das autoridades do executivo da saúde que assumam uma postura ética e de obediência à Constituição Federal/88; municiar a imprensa e as mídias em geral permanentemente com notícias sobre esse descalabro; envolver os aparelhos públicos de formação e educação nessa guerra. Sim, porque, a rigor, estamos no meio de uma guerra. Quando os próprios capitalistas da Revolução Industrial viram que o trabalho estava levando a vaca para o brejo, eles mesmos tomaram uma atitude e inventaram leis de “proteção à saúde”. E agora, vamos ficar esperando que os novos capitalistas, os que ainda estão soltos, tomem uma atitude? É hora de fazer muito mais do que apenas alguma coisa. É hora de fazer o máximo possível..... ■ ■ ■

“Muitos dos 210 Cerest (Centros de Referência de Saúde do Trabalhador) brasileiros têm como sua principal atividade a notificação de acidentes. É claro que é importante notificar e aprimorar a informação. Mas só notificar? De que adianta isso?”

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.